



A DAMA MAIS
apaixonada

Título original: *The Lady Most Willing*

Copyright © 2013 por Julie Cotler Pottinger, Eloisa James, Inc., Connie Brockway

Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Rodrigues

preparo de originais: Marina Góes

revisão: Suelen Lopes e Ana Grillo

diagramação: Adriana Moreno

capa: Renata Vidal

imagens de capa: © Lee Avison/Trevillion Images (fotos); The Beacon Collections (rosas)

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64d

Quinn, Julia, 1970-

A dama mais apaixonada [recurso eletrônico]/ Julia Quinn, Eloisa James, Connie Brockway; tradução de Ana Rodrigues. São Paulo: Arqueiro, 2019.
recurso digital

Tradução de: The lady most willing

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-306-0022-8 (recurso eletrônico)

1. Romance histórico. 2. Romance americano. 3. Livros eletrônicos. I. James, Eloisa. II. Brockway, Connie. III. Rodrigues, Ana. IV. Título.

19-58146

CDD: 813.081

CDU: 82-311.6(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

SUMÁRIO

Prólogo

[Capítulo 1](#)

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

PRÓLOGO

Alguns diziam que a lendária tempestade de 1819, que veio do norte com grande alarido, trouxe a loucura em sua esteira. Outros, que a única loucura vista naquela noite nasceu em uma garrafa de uísque contrabandeada. E havia ainda os que alegavam que a magia se adiantou à neve, varrendo os corredores do castelo Finovair e provocando ares de grandeza em seu proprietário...

Ou algo assim.

O que se sabe com certeza é que era um dia frio de dezembro quando Taran Ferguson levou os homens de seu clã até o cume de uma colina, de onde podiam ver o castelo Bellemere cintilando como uma joia na noite escura das Terras Altas. Como seus homens contaram mais tarde, o vento soprou o tartã xadrez que cobria os ombros de Taran, enquanto ele forçava seu magnífico corcel a empinar e logo retornar à posição inicial.

Ele quase se desequilibrou da montaria, verdade seja dita, mas isso foi parte do milagre: mesmo tendo bebido uma garrafa de uísque, Taran permaneceu em cima da sela.

– Esta noite, temos diante de nós uma tarefa sagrada e gloriosa – bradou ele. – Nossa causa é justa, nosso propósito é nobre! Lá embaixo está o conde de Maycott... o conde *inglês* de Maycott!

Os homens responderam com brados. E talvez um ou dois arrotos.

– O conde fica lá, sentado entre suas taças de ouro e sua porcelana elegante – continuou Taran, falando com pompa –, chamando as famílias mais elegantes das Terras Altas para irem comer e dançar com ele, na expectativa de cair em nossas graças.

Os homens de seu clã o encararam, carrancudos: nenhum deles, incluindo Taran, havia sido convidado ao castelo do conde. Não que

desejassem, ou pelo menos era o que diziam a si mesmos.

– Mas nenhum intruso inglês vai seduzir uma moça escocesa enquanto eu estiver no comando – gritou Taran. – A Escócia é para os escoceses!

Houve outro brado de aprovação dos homens.

– Vocês sabem muito bem que venho lançando sementes por aí desde que minha querida esposa faleceu, cerca de vinte anos atrás – continuou Taran. – Mas, lamentavelmente, vocês também sabem que nenhuma delas deu frutos, já que é necessário um campo muito fértil para nutrir uma semente tão poderosa quanto a de um Ferguson. – Taran teve o bom senso de não reparar em como aquela declaração foi recebida. – Minha linhagem está ameaçada de extinção. Extinção! E para onde, eu lhes pergunto, para onde vocês irão quando eu me for? Como ficarão seus filhos sem um Ferguson para ser senhor de suas terras e cuidar de seu bem-estar?

– Um lugar melhor do que este em que estamos agora – murmurou um dos homens, envolvendo-se mais no tartã para se proteger do vento uivante.

Taran o ignorou.

– No entanto, nem tudo está perdido! Vocês sabem que tenho dois sobrinhos, filhos das minhas irmãs mais novas.

A declaração gerou murmúrios de desagrado. Uma das irmãs de Ferguson havia se casado com um refugiado da Revolução Francesa, um nobre sem um tostão no bolso. A outra fora desposada por um conde, sujeito que acabou se mostrando não apenas desagradável como também inglês.

Taran ergueu a mão para silenciar os resmungos.

– É o sobrinho meio francês, Rocheforte, que vai herdar meu castelo. – Ele fez uma pausa dramática. – Pensem nisso, camaradas. Se meu sobrinho francês se casar com uma escocesa, o filho dele será um de nós... um verdadeiro escocês! – Taran brandiu a espada com tanta veemência que quase caiu, mas no último instante conseguiu se equilibrar. – Ou praticamente isso. E o mesmo vale para meu sobrinho inglês.

– Lamento dizer, mas seu sobrinho inglês está comprometido com uma inglesa! – gritou um dos homens. – O primo da minha esposa mora em Londres e escreveu para ela falando a respeito.

– Oakley ia casar – retrucou Taran bruscamente –, mas flagrou sua prometida ensaiando com seu professor de dança passos que jamais seriam vistos em um salão de baile. – Ele fez uma pausa dramática. – Seu professor de dança *francês!*

– Não acabou de dizer que seu outro sobrinho é francês? – perguntou um dos homens, esfregando as mãos no kilt para se aquecer.

Taran descartou a pergunta com um gesto.

– Lamento dizer, mas não se pode confiar em nenhum dos dois rapazes para encontrar uma noiva digna de Finovair. E eles devem se casar, ou nossos direitos de nascimento virarão pó.

– Falta pouco para isso... – murmurou alguém.

– É nossa incumbência... – Taran fez uma pausa, tão satisfeito com o termo que achou que valia a pena repeti-lo – ... é nossa *incumbência*, meus caros companheiros, nos certificarmos de que meus dois sobrinhos se casem com escocesas ou ao menos com alguém com determinação o bastante...

– Vá direto ao ponto, pelo amor de Deus! – gritou alguém com os dedos congelados e com uma esposa esperando em casa. – O que estamos fazendo aqui?

Ninguém poderia culpar Taran por deixar escapar uma boa deixa.

– O que estamos fazendo? – perguntou ele de volta. – *O que estamos fazendo?* – Taran ficou de pé nos estribos e, novamente brandindo a grande espada dos Fergusons acima da cabeça, gritou: – Estamos indo buscar as noivas!

CAPÍTULO 1

*Castelo Finovair
Kilkarnity, Escócia
Dezembro de 1819*

– **R**efresque minha memória: *por que* estamos aqui?

Byron Wotton, conde de Oakley, deu um bom gole no uísque e empurrou a cadeira para mais perto da lareira. Castelos eram ambientes reconhecidamente difíceis de aquecer, mas estava *congelante* em Finovair. Ele sabia que o tio se encontrava em situação econômica difícil, mas com certeza alguma coisa poderia ter sido feita em relação à brisa polar que se insinuava pela sala de estar como uma cobra.

– Creio que você tenha deixado uma mulher no altar – disse seu primo, Robin, com uma das sobrancelhas arqueadas.

– Estávamos a um mês do casamento – retrucou Byron, perfeitamente consciente de que havia mordido a isca de Robin. – Como você bem sabe.

Ele poderia ter argumentado que havia surpreendido a noiva nos braços do professor de dança, mas, sinceramente, de que adiantaria? Robin já conhecia toda a história.

– Quanto a mim – disse Robin, inclinando-se para a frente e esfregando as mãos diante do fogo –, estou aqui pela comida.

Qualquer outra pessoa talvez encarasse aquela resposta como desdém ou ironia, mas Byron sabia que não era bem assim. Sem nada em seu nome a não ser um título francês praticamente inútil, Robert Parles

(Robin para todos, menos para a mãe) muito provavelmente havia *de fato* ido a Finovair pela comida.

Uma rajada de ar frio atingiu o rosto de Byron e ele se conteve para não praguejar.

– Alguém deixou uma janela aberta? – perguntou, olhando ao redor com a expressão severa.

O sol havia se posto horas antes, levando com ele sua patética ilusão de calor.

Byron ficou de pé, irritado, e atravessou o salão para inspecionar as janelas. Várias estavam rachadas. Lá fora, a tempestade piorava. Haveria alguém no jardim? Não, ninguém seria tão louco a ponto de...

– O que aconteceu com tio Taran? – perguntou Byron de repente.

– Como assim? – perguntou Robin, sem abrir os olhos e com a cabeça no encosto da cadeira.

– Não o vejo desde a ceia. E você?

Robin bufou e endireitou a postura.

– Você perdeu o espetáculo. Depois que saiu para Deus sabe onde...

– Para a biblioteca – murmurou Byron.

– ... Taran subiu na mesa, de kilt. E, se me permite dizer – Robin estremeceu –, *não* é um kilt que se queira espiar por baixo.

– Ele subiu na mesa? – Byron estava chocado; o gesto era excêntrico até para o tio.

Robin deu de ombros.

– Alguns vassalos apareceram para beber com ele depois da ceia e, quando me dei conta, tio Taran estava em cima da mesa, batendo no peito e vibrando com as glórias do passado, quando os homens eram homens e os homens escoceses eram três vezes mais homens do que qualquer outro homem. Então ele pediu a espada e de repente todos foram embora.

– Você não pensou em perguntar para onde estavam indo? – Seria a primeira coisa que Byron faria.

Os olhos de Robin encontraram os dele, e havia a ligeira sombra de um sorriso.

– Não.

Byron se preparava para comentar algo, mas foi interrompido pelo som bem-vindo do tio deles berrando lá fora.

– Falando no diabo – disse, com certo alívio.

O tio era um enorme aborrecimento, mas nenhum dos dois desejava encontrá-lo com o rosto enfiado em um monte de neve.

– É melhor irmos até lá e o arrastarmos para perto do fogo para descongelá-lo – falou Robin, pousando o copo. – Garvie disse que teremos três dias de neve.

Eles saíram do grande salão, abriram a enorme porta da frente e se depararam com uma pequena aglomeração dos homens do clã do tio perambulando pela fortaleza, batendo no peito e dando tapinhas nas costas uns dos outros. Vestiam a indumentária completa das Terras Altas, com kilts e capas de pele, e as chamas das tochas tremulavam sob a neve que caía cada vez mais pesada. Taran estava no meio do grupo, sorrindo como um louco.

– Meu Deus, quantos joelhos... – murmurou Robin.

– De quem é aquela carruagem? – perguntou Byron, ao ver um veículo preto brilhante parar bem no ponto onde a luz das tochas dava lugar à escuridão.

Taran abriu caminho entre seus homens.

– Trouxe noivas para vocês! – gritou ele por cima do ombro para os sobrinhos. – Venham aqui, moças! – Ele abriu a porta da carruagem com um floreio.

Um rosto jovem e belo apareceu por um momento, e depois uma mão esguia segurou a maçaneta interna.

– Não há nenhuma noiva aqui – apressou-se em dizer a moça.

E a porta foi fechada com força.

Byron encarou a cena chocada.

– Maldição! – sussurrou. E olhou para Robin, que ergueu as sobrancelhas e fez surgir um sorriso no belo rosto. – Isso não tem graça, Rob. Era uma *dama* ali dentro.

– Com certeza é uma dama – bradou Taran. – Uma dama espirituosa. Consegui três delas. Todas com patrimônio, berço e boa aparência. – Ele apontou um dedo nodoso para Robin. – Você vai escolher uma,

sobrinho, ou farei isso eu mesmo e trancarei os dois em um quarto até que você seja obrigado a se casar. – Taran se voltou para Byron. – Você pode escolher uma também – acrescentou, magnânimo.

Byron começou a descer os degraus com um gemido.

Taran abriu novamente a porta da carruagem com um puxão e uma jovem de cabelos escuros cambaleou para fora.

– Rapazes, esta primeira dama é... – Ele parou e encarou a mulher. – Catriona Burns, que diabo está fazendo aqui? – perguntou.

– Você me raptou! – retrucou a jovem dama de cabelos escuros, com as mãos na cintura.

– Ora, se eu fiz isso, foi por engano – disse Taran, e então se dirigiu a Byron e Robin: – Nem pensem nessa aqui, rapazes. É uma boa moça, mas sem dinheiro.

Byron ouviu o som de ultraje que ela emitiu acima da risada incontida de Robin.

– Chegue para o lado, Catriona. O restante das moças, venha cá – bradou Taran, e espiou dentro da carruagem. – Meu sobrinho precisa dar uma boa olhada em vocês antes de escolher qual será sua noiva.

– Não acredito que você submeteu essas jovens damas a um ultraje dessa natureza – declarou Byron, lançando um olhar assassino para o tio.

Taran era um homem vigoroso, calejado pelo tempo, mas ainda muito musculoso, os cabelos negros entremeados pelos mesmos fios prateados que coloriam a barba. Embora obviamente abalado, não demonstrou.

Byron alcançou a carruagem bem a tempo de oferecer o braço à dama que apareceu à porta aberta. Sob a luz das tochas, viu flocos de neve grudados nos fios escuros, ruivos como rubi, dos cabelos dela.

– Essa é uma das boas! – anunciou Taran. – Fiona Chisholm. Já está há algum tempo disponível, mas eu também trouxe sua irmã mais nova, caso queira uma carne mais tenra. Todas têm sólida fortuna.

– Peço sinceramente que perdoem a loucura do meu tio – falou Byron, inclinando-se sobre a mão da Srta. Chisholm, depois que ela desceu da carruagem. – A senhorita deve estar quase histérica de medo.

Havia mais divertimento do que terror nos olhos da jovem.

– Como já conheço seu tio há muito tempo, não estou tão assustada. Já o senhor é novidade para mim – disse ela, fazendo uma mesura.

– Byron Wotton, conde de Oakley.

– É um prazer conhecê-lo, lorde Oakley.

– Este é meu sobrinho mais novo, que vive na Inglaterra – explicou Taran. – Nosso Robin aqui é o herdeiro de Finovair. É com ele que a senhorita deve se casar.

Robin havia atravessado o pátio e agora estava parado ao lado de Byron.

– Robert Parles, conde de Rocheforte – apresentou-se, animado. – Mas, por favor, me chame de Robin. Prazer em conhecê-las, Srta. Burns e Srta. Chisholm.

Byron entregou a Srta. Chisholm aos cuidados do primo e estendeu a mão para ajudar uma terceira dama a descer. Era menor, com cabelos castanhos encaracolados, feições delicadas e olhos castanho-escuros e brilhantes.

– A filha de Maycott – disse Taran com orgulho. – Lady Cecily. É a melhor do grupo: vale uma fortuna e é linda como uma moeda recém-cunhada. No entanto – ele abaixou a voz –, é inglesa. Mas a essa altura também já passou por algumas temporadas sociais e não está mais tão seletiva.

A dama arregalou os olhos.

– Tio, eu lhe imploro que cale a boca – pediu Byron. – Lady Cecily, não tenho palavras para me desculpar pela terrível imposição feita a vocês.

Lady Cecily parecia prestes a responder quando Robin afastou Byron, pegou a mão da jovem e se inclinou em uma mesura.

– Ah, acho que não consigo pedir desculpas – disse. – Ninguém jamais sequestrou uma dama para mim antes, mas a verdade é que – continuou ele, com um sorriso malicioso – ninguém jamais precisou fazer isso.

Os olhos da jovem se arregalaram de novo, e mesmo sob a luz fraca da tocha foi possível perceber o rubor que coloriu seu rosto. Por um segundo, Robin ficou paralisado, encarando-a. Então desviou o olhar

abruptamente, soltou a mão da moça, passou por ela e espiou dentro da carruagem.

– Há mais alguém ali dentro, tio? Uma das moças do rei Jorge VII? Sempre tive vontade de me casar com alguém da realeza.

– O assunto é sério! – disse o tio, carrancudo. Seu antigo tenente assentiu com ar grave. – Só resta uma, eu acho. A irmã de Fiona.

Byron cerrou os dentes.

– Robin, por favor, acompanhe as senhoritas Burns e Chisholm e lady Cecily até o castelo. Está congelante aqui e nenhuma delas está de capa.

– Não tiveram tempo para isso – afirmou Taran, em um tom animado. – Arrebatei todas elas direto do salão de baile. Marilla Chisholm, não adianta se esconder dentro da carruagem!

A última dama apareceu, fazendo uma pausa dramática no alto dos degraus da carruagem. Era muito jovem, muito loira, muito linda, e cambaleou ligeiramente.

– O que está acontecendo? – perguntou, hesitante. – Ah, Deus. O que vai ser de nós?

– Fique tranquila, Srta. Marilla – garantiu Byron, e estendeu a mão para ajudá-la a descer. – Sou lorde Oakley. Peço as mais sinceras desculpas e lhe dou minha palavra de cavalheiro de que a senhorita será rapidamente devolvida à sua família.

– Não, não será – falou Taran. – A neve já bloqueou o acesso e deve demorar uns dois ou três dias até que alguém consiga passar por lá. – Ele fechou a porta da carruagem. – Vamos entrar. Aqui fora está frio como a teta de uma bruxa, e já terminamos.

A porta da carruagem foi aberta de novo e uma bela bota masculina pousou com determinação no chão. Uma voz grave e irritada bradou:

– Ainda não!

Byron ficou boquiaberto.

Robin se virou para ver o que estava acontecendo e exclamou:

– Santo Deus, tio, você raptou o duque de Bretton!